

# Diversão & Arte



Ainda estou aqui: destaque absoluto para Fernanda Torres

**AINDA ESTOU AQUI, FILME DIRIGIDO POR WALTER SALLES, COM FERNANDO TORRES, QUE PROVOCOU COMOÇÃO NO FESTIVAL DE CANNES, ESTREIA HOJE NA CIDADE**

## Nada do que foi será

Há uma década indicado para o Oscar, por um curta-metragem, o diretor francês Xavier Legrand, hoje, aos 45 anos, é dos nomes de peso no cinema europeu. Ganhador do prêmio César de melhor filme, com o dilacerante drama *Custódia* (2018), agora ele é um dos chamarizes na nova edição do Festival Varilux, que tem programação a partir de hoje, em Brasília, nos cinemas do CasaPark, Liberty Mall e Pier 21. Atração das 20h30 de hoje, no Cinesystem CasaPark, o drama psicológico *O sucessor* disputou o Festival de San Sebastián. Estrelado por Marc-André Grondin, na pele do estilista de luxo Ellias Barnès, o filme de Legrand aposta na acidentada trilha para um homem de dramas bipartidos: herda um posto invejável, na indústria da moda, mas, no campo particular, afastado do pai, terá que lidar com a morte dele — fator que acionará um gatilho incontornável. Confira a entrevista para o **Correio** de Legrand, que comanda o thriller ainda estrelado por Yves Jacques (As invasões bárbaras). **(RD)**

ANNE-CHRISTINE POLJOULAT



### ENTREVISTA / Xavier Legrand, cineasta

**Crê que o desgaste emocional dos atores os torne ariscos a uma nova empreitada em cinema contigo? Em *O sucessor* aparecem exauridos como em *Custódia*...**

Existem muitas cenas que são grandes desafios para os atores e eu acredito que eles gostam desse tipo de cena no limite. A minha responsabilidade enquanto diretor é convocar os processos que possam dar segurança e conforto para os atores. É claro que, por exemplo, em *Custódia*, havia cenas de tensão no final principalmente que exigia uma grande capacidade lacrimal. O ator Marc-André Grondin, em *O sucessor*, se depara com cenas de extrema tensão, por flertarmos com a tragédia. Não se pode, na minha visão de cinema, mostrar o morno — mas sim ou o gelo ou a febre. Não pode ser morno. Para esse tipo de cena é uma tomada de risco que é quase como um pulo de paraquedas do ator. Não dá então para filmar dezenas de takes: é preciso poucos takes com muito conforto. Se ele precisar de som, por exemplo, para que realize uma imersão no contexto emocional, providencio, e também tiro pessoas que talvez não estejam necessárias no set. Realmente para mim é um momento sagrado.

**Esconder a aparição de uma moça na trama cria uma densidade única no filme. Cinema pode ser mais som e menos imagem?**

É, realmente, nós podemos destacar uma potência de algumas ações que ocorrem fora do campo da câmera. Em geral as imagens são sempre mostradas e são importantes — é cinema. Mas se você não mostra, frontalmente, você apenas ouve, sem mostrar, vai aumentar a tensão do espectador. A gente sabe que o cinema é uma manipulação que consiste em mostrar ou não mostrar. Às vezes, quando não mostramos e apenas ouvimos, isso irá solicitar mais a imaginação do espectador.

**Como crê que as pessoas têm tratado da morte? O ser humano anda descartável?**

Eu acredito que desde o começo da história da humanidade a morte aterroriza os homens e também não saber o que vai acontecer depois da nossa morte aterroriza: qual é o sentido de tudo isso? Qual é a razão para tudo? Acredito que a religião existe por causa disso e como não existe acordo, muitas vezes, sobre as religiões, ocorrem guerras. Acredito que todos passamos por essa vida na Terra: alguns para realizar coisas boas e outros coisas ruins. Para mim, a morte é uma doença sem nenhum antídoto. Nunca haverá cura. Quanto à segunda pergunta, sem dúvida, estamos no momento mais egocentrado: as pessoas estão muito viradas para si mesmo, não tem tanta atenção ao outro, não tem tanta solidariedade, e parece que a fraternidade está se desintegrando em face da promoção de si mesmo.

## OS ECOS DE UM TEMPO DRAMÁTICO

» RICARDO DAEHN

Pouco a pouco, na trama do longa *Ainda estou aqui* — filme de Walter Salles que novamente posiciona o Brasil na antessala do Oscar — partidas de gama, uma corrente de descobertas de jovens e a representação da felicidade de uma família nos anos de 1970 sofre revés. O espectador é testemunha dos efeitos da ditadura que promove cerco e perseguições a civis, uso descabido de revólver e força, empurrões, telefones grampeados e escutas clandestinas. Inicialmente, o foco do longa é concentrado na figura do ex-deputado Rubens Paiva

(Selton Mello), mas — com a imersão de seu corpo no aparato de desaparecimento da máquina ditatorial — não demora recair sobre Eunice (Fernanda Torres) e os cinco filhos do casal Paiva, entre os quais Marcelo Rubens Paiva (autor do livro biográfico que deu origem ao roteiro do longa).

Para além das perspectivas de emplacar múltiplas indicações ao Oscar 2025, entre as quais as aguardadas categorias de melhor atriz e de roteiro (assinado por Heitor Lorega e Murilo Hauser), o filme emplaca certo gosto apaziguador, ainda que amargo. Vale o reforço de que a dupla de roteiristas venceu o prêmio de roteiro no prestigioso Festival de Veneza. “A

história é sobre quem fica”, pontua o roteirista Heitor Lorega, em entrevista ao **Correio**.

Tornado símbolo da luta pela liberdade, junto com figuras, como o jornalista Vladimir Herzog e o estudante militante Stuart Angel, Rubens Paiva (assassinado em janeiro de 1971) puxa um enredo que conta, entre coadjuvantes com talentos brasileiros, como Maeve Jinkings e Camila Márdila, com cargas de aflição e desespero contrapostos a laivos de pequenas memórias e vitórias. Cabe à presença de Fernanda Montenegro concluir o calvário seguro, ao longo do filme, pela personagem da brilhante Fernanda Torres.

### ENTREVISTA / Heitor Lorega e Murilo Hauser, roteiristas

Fotos: Video Filmes/Divulgação - AFP

**Há espaço possível para arte, quando há cenas de tortura?**

**Heitor Lorega** — Durante o processo de feitura do filme, tivemos que visitar muitas vezes vários dos relatos de torturas e violências cometidas pela ditadura, catalogadas em especial pela Comissão de Mortos de Desaparecidos e a Comissão Nacional da Verdade. Acredito que eventos como esses já estão de alguma maneira marcados no imaginário coletivo, pois foram reconhecidos várias vezes, e se solidificaram a partir do cinema e da arte em suas muitas formas.

**Como funciona o imaginário de roteiristas, quando impactados por imagens históricas de episódios reais?**

**Murilo Hauser** — No caso de *Ainda estou aqui* fizemos uma enorme pesquisa histórica ao longo de muitos anos em jornais, revistas e outros acervos públicos e particulares. Esse material, selecionado junto ao Walter Salles, nos guiou durante a escrita do roteiro e a feitura do filme, em especial nas cenas que lidam com momentos históricos cobertos pela mídia da época — que, sabemos, era altamente controlada pelos militares.

**Qual o acervo que mais exploraram?**

**Hauser** — O acervo que mais nos influenciou foi, sem dúvida, o das fotos da família Paiva. Nele, coletamos imagens da época, assim como de Eunice e dos filhos



desde antes do assassinato de Rubens até muitos anos mais tarde. Para se ter uma ideia, nossa sala de trabalho no Rio tinha todas as paredes cobertas com imagens das pessoas e personagens, em diferentes momentos e idades.

**Quais os dados mais singulares da jornada da família Paiva levaram a cenas desafiadoras?**

**Lorega** — Todos nós vimos inúmeras fotos, filmes, e histórias que se passaram por essas celas e corredores dos militares, onde ocorreram os horrores da ditadura e que não podem jamais serem esquecidos. Porém, acredito que as cenas mais desafiadoras de escrever foram as mais corriqueiras, que mostram a rotina e a intimidade dessa família. São elas que norteiam o espectador e que nos aproximam emocionalmente

dessas personagens. A história, nesse caso, é sobre quem fica.

**Algum caso em que as imagens caseiras direcionaram parte da história?**

**Hauser** — Um exemplo prático disso está na fotografia que Babiu (uma das filhas do casal) já crescendo vê no escritório de Eunice em São Paulo, da mãe ao lado de um monomotor. A imagem original (reconstruída pela equipe de arte, que refez a foto com Fernanda Torres) foi o disparador dessa cena, assim como de toda uma pesquisa sobre o atuação em campo de Eunice na luta pela garantia dos direitos indígenas (na Fundação Mata Virgem, na Fundação Pró Índio, no IAMÁ, e outras). A mesma pesquisa nos levou a importantes registros de Claudia Andujar, Nair Benedicto, Rubens Valente e muitos outros fotógrafos que também foram fundamentais na construção desse universo.